



VIZEU — Um aspecto do Rio Pavia

(TEIJOR FOT. AMADOR)

Braga, 3 de Novembro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESA NA TIPOGRAFIA DA PAX -- BRAGA

NUMERO 345 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.da

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES:

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS:

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da *ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA* — BRAGA

Telefone, 212

CONVIDAM-SE OS CATOLICOS . . .

que pretendam comprar *artigos religiosos*, a visitarem a

CASA DE S. JOSÉ

168, Rua das Flores, 170 — PORTO

para apreciarem o seu sortido completo em *terços, medalhas, estampas, crucifixos, livros de missa, etc.*, e avaliarem os seus preços de *revenda e propaganda*.

Vendas por junto, de Diplomas das Filhas de Maria, Oleografias de todos os tamanhos, Redomas, Crucifixos do Perdão, patentes e medalhas do Apostolado da Oração, etc. etc.

ATENÇÃO

Em troca da seguinte senha brinde terão os nossos clientes um desconto de 10 % em toda e qualquer compra efectuada a dinheiro em nossa casa, desconto este que será convertido em quaisquer artigos religiosos à sua escolha!

Senha-brinde DA
Casa S. José
FUNDADA EM 1896
168, R. das Flores, 170 — PORTO
Esc.
Data:

Escreva um postal á Casa de S. José,
preguntando preços e instruções.

LIMA, FILHÃO & C.ª L.ª

Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

— 88 —

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 3 de Novembro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 345



BRAGA — Praça do Conde d'Agrolongo. (antigo campo de D. Luiz I)
Distingue-se dum lado o magnifico edificio do Asilo Conde d'Agrolongo, e ao fundo o quartel
do regimento de infantaria 8 e a igreja do Populo

(Foto-Chic de Alberto Marques)

Cronica da Semana

Em desagravo de um Prelado

VIBROU a cidade bracarense de natural comoção quando soube que um grupo de exaltados, no passado domingo, ultrajara o seu venerando Pastor, o Senhor Arcebispo Primaz.

Não vem para aqui a historia do triste, bem

consolador, se denotava carinho do povo para com o Pastor que tantos anos os regeu.

Mas houve a precipitação, inconsiderada porventura, de levar ao paço, como a secundar os votos de uma comissão, grande turba de povo: e é sabido como o povo, eterna criança, se exalta, e se deixa arrastar, num tumulto, numa desordem, pelo primeiro audacioso que saiba despertar-lhe as atenções.

Aos pedidos formulados respondeu o Prelado com uma negativa; a negativa que lhe ditou a sua consciencia de Pastor, tanto mais que muito tarde já se faziam as diligencias.

E então rebentou o tumulto, soprado por individuos extranhos que, por malicia ou diversão incorrecta, se introduziram entre o povo reunido.

A desordem manifestou-se ás quatro horas da tarde, junto do Paço; tornou-se mais grave quando S. Ex.^a Rev.^{ma} se dirigiu á Sé, vaiando o Pontifice que serenamente respondia aos insultos com bençãos, traçando sobre o povo amotinado o mesmo sinal da Cruz que traçava sobre os fiéis que se curvavam á sua passagem. Ao sair da Sé, como os católicos o aclamassem, renasceu o motim, e uma turba o seguiu até ao Paço, entre gritos de sedição e de morte. Tres horas passaram sem que a algazarra tivesse repressão...

Já nesse dia á noite e nos seguintes tambem, a cidade tem desagravado o ofendido Jerarca, indo pessoalmente, ou em corporações, e representações, apresentar-lhe homenagens e respeitos.

Esta manifestação subsequente, pela categoria das pessoas que ali tem acorrido, desde as auctoridades e elementos officiais até ás representações das paróquias, tem sido notabilissima, e demonstra bem os sentimentos da catolica Braga, que não pode confundir-se com um pequeno grupo amotinado.

E' que Braga não pode confundir-se com a arruaça nem com a indisciplina. Aquele acto foi um desvaio popular de uns quantos, movidos por qualquer tenebrosa e interesseira intriga: não pode atribuir-se á cidade.

Braga, como nós, presta ao Ex.^{mo} Rev.^{mo} Sr. D. Manuel Vieira de Matos uma profunda homenagem, uma filial devoção, um preito de gratidão, um amor sincero e reconhecido.



S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz

triste, acontecimento. Muito se já falou sobre o assunto, e nem tudo com a precisa ponderação. Em suma foi este o caso. Nomeado, por concurso, um paroco muito respeitavel, em substituição de outro encomendado, que a paroquiou 27 anos, entenderam os seus freguezes, tarde de mais, apresentar-se a pedir a S. Ex.^a Rev.^{ma} lhes conservasse o paroco que saía, na sua freguezia.

Legitimo em si era o pedido. Legitimo e até

A ara ou penedo de Trajano

PRÓXIMO do estabelecimento novo e num terreno que actualmente fica junto da igreja paroquial e que fazia parte de uma muito antiga bouça, vulgarmente conhecida pelo nome de *Vesada*, existe um grande bloco de granito, cortado em esquadria a picão, medindo cinco côvados de altura e denominado *Ara de Trajano*, o qual o povo apelida também *penedo da moura*.

E' curioso esta ara ou penedo principalmente por causa das suas duas inscrições, uma em latim e outra em português.

A primeira está gravada a meio da altura do penedo pintado a preto e cujos caracteres, diz a tradição, serem, em tempos, dourados, mas como a acção das intempéries lhes comeu esse douramento, encontram-se actualmente as letras despidas daquele atavio, porém, bem inteligíveis ainda.

A segunda está inscrita na outra metade virada para o sul, em caracteres pintados a roxo-rei ou almagre que dizem a tradução.

Eis a inscrição latina que diz: *Imperator Caes . . . Nerva Trajanus Aug. Germ. Dac. Pen. Max. Trib. Rom. VII Imp. IIII Con. V. P. P.* e cuja tradução é a seguinte: *Quer dizer esta obra mandou fazer o Imperador Trajano Augusto, filho de Cesar Nerva, vencedor dos Allemães e Dacos, Pontífice Maxim, sendo Tribuno do Povo, a Inês imperador e Consul a quarta, com o titulo de Pai da Pátria.*

Segundo assevera um escritor português nas suas *Memórias entre Douro e Minho* esta inscrição latina foi mandada gravar, não com o fim de mostrar que esta ara pertencia a Trajano, como opina alguém, mas sim para que a todo

o tempo constasse que as primitivas termas que nesta localidade houve, e das quais se tem encontrado vários vestígios, foram mandadas construir por determinação daquele imperador, o que em certo modo nos é confirmado pela respectiva tradução.

Num manuscrito antiquíssimo de autor desconhecido se diz que houve tempo em que se deu ao referido penedo o nome de *Ara de Nerva*, mas isto talvez pelo motivo do imperador Traja-



MALACA — Uma família cristã descendente dos antigos portugueses.

no ter sido associado ao governo de Roma por aquele outro imperador.

Trajano era hespanhol e foi escolhido por Nerva para seu sucessor, sendo aquele já muito velho.

Principiou a governar no ano 100 da era cristã, pouco mais ou menos, e foi um militar distintíssimo, tomando parte activa em várias guerras, nas quais alcançou vitórias, entre estas na Arménia, na Dácia e na Mesopotámia. Foi um dos principes mais ousados que houve em Roma e ordenou a terceira perseguição dos cristãos.

Era excessivo na alimentação e parece que faleceu vitimado por esse

abuso. Poucos anos portanto dirigiu o império. Mas deixemos esta biografia que nos levaria longe e continuemos a história da *ara* que não deixa de ser interessante.

Era Trajano, como já dissemos, homem arrojado e bastante ambicioso e por isso, desejando estender os seus domínios, nunca as suas legiões estavam quietas. De batalha em batalha, de conquista em conquista, determinou Trajano que o exército romano invadisse a península, o que este fez.

As águias romanas, atravessando então o rio Ave, vieram acampar junto da cidade lusitana *Acitania*, nunas

Pinho Leal, no seu dicionário — *Portugal Antigo e Moderno* — admite também a existência daquelas duas cidades: uma com o nome de *Ciania* ou *Acitania* e outra com o de *Cinania* ou *Citania*. Portanto o que parece fóra de dúvida é que existiu uma cidade próxima do Ave e outra mais tarde em Briteiros.

O terreno em que se encontra a *ara*, pertenceu, em tempos remotos, à comenda de S. Martinho de Sande, da qual era senhor o conde de Vimioso, passando depois para a posse da Câmara Municipal de Guimarães, em época de não fácil determinação.

Esta *ara* esteve muitos anos abandonada e oculta entre um denso silvado que crescera à sua volta; silvado que foi devastado em 1844 pela dita Câmara que mandou aformosear o local com mimosos arbustos que vieram das matas do Gerez, e dos quais ainda ali restam alguns exemplares.

* * *

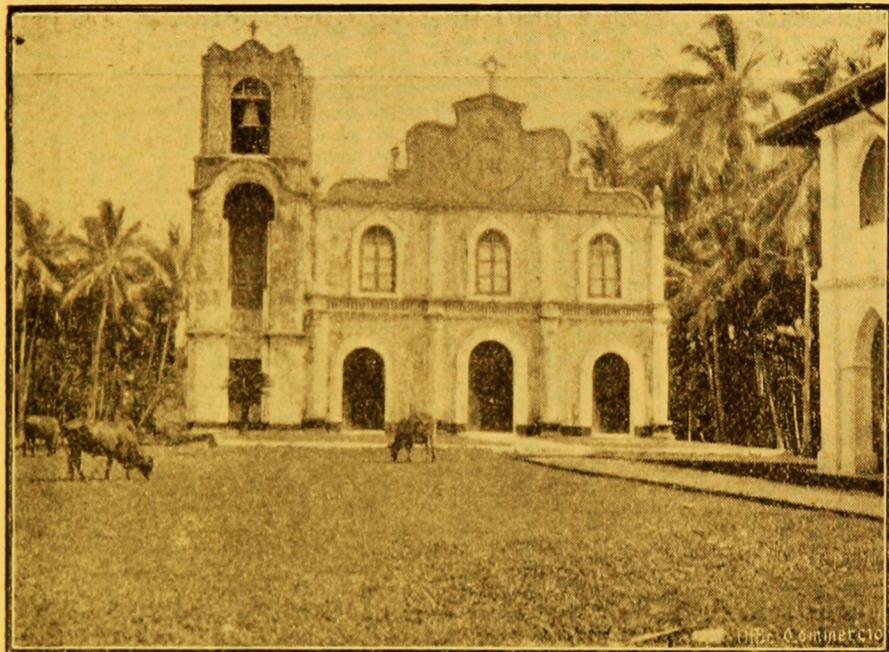
Além das duas referidas inscrições, apresenta esta *ara* ainda uma outra, em português, na faceira do lado poente, mandada gravar em 1818 por aquela mesma Câmara e que resa assim: *Para alivio da humani-*

dade e remédio de rebeldes doenças harpéticas forão augmentados e renovados estes banhos thermais por ordem do Senado da Vila de Guimarães, sendo seu presidente o Doutor Juiz de Fóra Estevão Pereira da Cruz e vereadores Francisco Pinto de Carvalho Bezerra — António de Cardoso e Athaide — António do Couto Ribeiro — Secretário, José Leite Duarte — Procurador, Manuel Luiz de Souza. Em testemunho do seu zelo e actividade e evolução dos vindouros eles mesmos mandarão gravar esta inscrição que vencerá o tempo e a eternidade. Em 1818.

Data esta em que a Câmara, na verdade, procedeu a várias pesquisas nalgumas das nascentes que estavam abandonadas desde a época dos romanos.

(Continua).

P.º ALBERTO GONÇALVES.



MALACA — Igreja Matriz de S. Pedro, construída há mais de tres séculos pelos portugueses

veigas e travaram luta renhida com os habitantes da dita cidade, que, apesar da sua corajosa defesa, foram quasi todos mortos, sendo a cidade saqueada, incendiada e destruída.

Os poucos sobreviventes, fugindo ao massacre, foram então fundar em Briteiros a cidade ainda hoje conhecida pela *Citania* e da qual só restam ruínas; cidade que foi destruída por Al-Manzor, Kalifa do Oriente, da dinastia dos Abássidas.

Segundo se depreende, foi naquele sitio onde se ergue a *ara* que se travou a primeira batalha e cuja inscrição confirma o facto, pois foi feita para atestar o poderio romano.

A cidade submersa

(Conclusão)

— Do lado direito.

— Pois que deem já o trigo todo no mar do lado esquerdo. E já. E para estar certa que se executa o que mando, eu propria vou assistir.

O capitão retira-se amedrontado e triste. Seria ofender a Deus, pensava ele, e não serei eu quem cometa tal impiedade. Assim eu preservasse aquela que eu sirvo.

E foi buscar todos os pobres, e escondeu-os perto do navio. Chegou então a orgulhosa mulher.

— Velho obstinado, imprecou ela, ainda nada cumpris-te. Devo então eu propria mandar.

E voltando-se para os criados :

— Atirai o trigo todo para o mar.

A esse tempo os pobres precipitaram-se em chusma, e ajoelhando diante dela romperam nestas vozes :

— Por caridade, por caridade! Dai-nos antes este pão, a nós e a nossos filhos esfomeados.

Mas foi em vão ; que a abominação da crueldade foi consumada diante desses desgraçados, que se torciam impotentes e desesperados.

Relampejaram de indignação os olhos do velho, que se adiantou com passo firme e solene, e com voz lenta e sonora, diante de todos se dirigiu áquela mulher :

— Será castigada a abominação deste crime. Virá um dia, e ha de ser ainda cedo, em que te reputarás feliz, podendo apanhar nas ruas e praças, para aplacar a tua fome, alguns grãos dispersos desse trigo formoso, que hoje desprezas.

— Isso poderá acontecer no dia, em que a mais rica herdeira de Staforen vir de novo este anel.

E atirou ao mar o seu anel de ouro.

Essa tarde ainda tinha ela de o encontrar no estomago de um salmão, servido á sua meza.

Não tinha ainda chegado a noite, quando um correio traz a noticia da destruição dos navios enviados ao Oriente ; com os que demandavam o Ocidente, igual noticia.

Depois o assalto de caravanas pelos beduinos ; depois a quebra de uma casa de comercio, arrastando-a tambem na sua ruina na perda de somas incriveis. Em resumo, o ano não tinha acabado, e a profecia do capitão estava já cumprida. A desgraçada morreu então, cheia de miseria, nas palhas.

O seu exemplo porém não serviu de lição aos filhos de Staforen, que continuaram no egoismo do seu luxo e no orgulho ; mas



MAGUDE — Costumes.

o castigo estava a desabar. No sitio, em que a carregação de trigo tinha sido atirada por modo tão impio, levantou-se um banco de areia, conhecido hoje ainda pelo nome de *banco da mulher* ; e neste parcel, que crescia sem fim, enraizaram-se os troncos de uma planta desconhecida, muito semelhante ao trigo, mas com a diferença que eram ôcas as suas espigas. E a arvore incognita e o baixo de areia obstruíram em breve o porto, esgotada por este modo a fonte das suas riquezas.

E como a soberba dos habitantes ainda não diminuisse, o mar, por noite de tempestade, vencendo os diques, rompeu novos caminhos, e abismou para sempre nas ondas a cidade sem emenda.

Duas mal notadas regras . . .

MINHA excelente Amiga. O prometido é devido: escrevo-lhe. Simplesmente, à mercê do coração; sem literatura.

A arte é, por vezes, contrafeita: cantar quer hora; e a minha hora não é para que cante . . .

Falar-lhe de mim? Deus me livre! Seria estragar esta carta. Não! Falemos antes de coisas simples e boas, — dessas coisas que nos ensinam o caminho de Deus. Conto-lhe da minha Aldeia . . .

Vim encontra-la na mesma: modesta, pacífica, religiosa. Os anos cruzaram por ela, redemoinharam, ora invernosos e ásperos, mordendo-a implacáveis, ora florindo primaveras azuis e frescas, beijo a beijo.

Dos seus filhos — uns lá foram para a Morte, levados pela velhice ou pela doença; outros deixaram-na pelos acênos tentadores de Alem-Mar; e ainda os mais — creanças que eu conheci há dois lustros, os lábios ainda rescendentes a leite — venho encontrá-los homens feitos, irreconhecíveis de todo. Tudo mudou!

Ela, porem, indiferente ao rodopiar do tempo e ao tontear das gentes, ficou na mesma, — Senhora Infanta junto às margens floridas do Coyra, a desfiar seus rozarios de Legenda, a tecer a enamorada teia dos seus sonhos . . .

— Que Deus a veja sempre com olhos de amôr, com os mesmos olhos por que te estou mirando, oh minha linda e saudosa terra de Entre Minho e Lima!

As gentes perderam aquela adorável simplêsa que, sendo portugêsa e minhota, era de bem com Deus e de bem com os homens.

Tenho para mim — cegueira talvez dos olhos da minha saudade! — tenho para mim que se procura agora viver doutra feição, deixando apodrecer entre bafio e traça o velho *Costumceiro*. Há uma grande tendencia para o artificio, uma atracção perigosa pelas factísticas da Cidade . . .

São as ideias ruins que chegam, — trazidas e semeadas pelos que regresam de longes terras, ou propinadas, como veneno subtil, pelas gazêtas sem Patria e sem Moral. As tradições velhinhas, tão cheias de poesia, e a que a própria Religião emprestava uma doçura estranha, vão dismantelandando miseravelmente.

A Terra, no entanto, imutavel e austera, continua a ensinar aos homens a mesma sagrada lição de sempre. Nos seus edificios, nas suas maneiras, no ambiente piedoso e saudável que se respira a plenos pulmões, e no geito das suas montanhas e dos seus vales, apercebe-se — adivinha-se ao menos — essa misteriosa *patine* que os séculos deixaram nas coisas, perfumando-as e santificando-as.

Paredes de Coura,

X — 928.

TEIXEIRA PINTO.

Às Avé Marias

(No Album duma Amiga)

Acabam de soar as Avé-Marias. Que poesia encerra esta hora! E' quando termina o dia para muitos, talvez o ultimo...

As avesinhas pressentindo a aproximação da noite, vôam pressurosas para os seus ninhos; os rouxinoes sentindo o inefavel influxo dessa hora tão poetica, dão principio aos seus melodiosos trinados; e o zumbido monótono dos insectos ciciando ao longe... o melancólico sussurro do regato que alem serpeia... o brando murmurio da brisa perpassando por entre a folhagem... tudo, tudo enfim, conduz o espirito, por mais insensivel que seja um meditar suavissimo e triste que não podêmos compreênder nem sabemos explicar.

E' a essa hora, consagrada à Virgem que o nosso espirito num transporte de Fé, se ergue até Deus, agradecendo-lhe haver-nos concedido mais um dia de existencia...

E até o rude campones, fatigado pelo árduo trabalho do dia, descobre reverente a fronte serêna que o sol tisonou, elevando o pensamento ao Céu em fervorosa prece.

Só o pobre nauta não ouve entre o marulhar das ondas e o embate das vágas, as comoventes e poeticas badaladas do « Angelus ».

Mas essa hora faz-se-lhe sentir em toda a sua imponente magia quando, ao fixar no poente o ultimo raio do sol que da terra se despede, volve melancolicamente o olhar buscando ao longe, muito ao longe, o faról providencial que há-de guia-lo ao porto de salvamento...

E à recordação da patria muito distante, e do lar domestico desolado pela saudade, virão enternecidamente rolar-lhe pelas faces desbotadas lagrimas sentidas e ardentes enquanto os lábios murmuram trémulos a prece to-

cante e consoladora aprendida sobre os joelhos da mãe: « Avé Maria ».

*

Oração bendita que impregnada em celestial poesia a propria Natureza, na emoção e misticismo dessa hora soléne, faz ecoar em nossa alma, vibrando nela, em unisono com a nossa préce, piedade e Fé: « Avé Maria! »

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES.



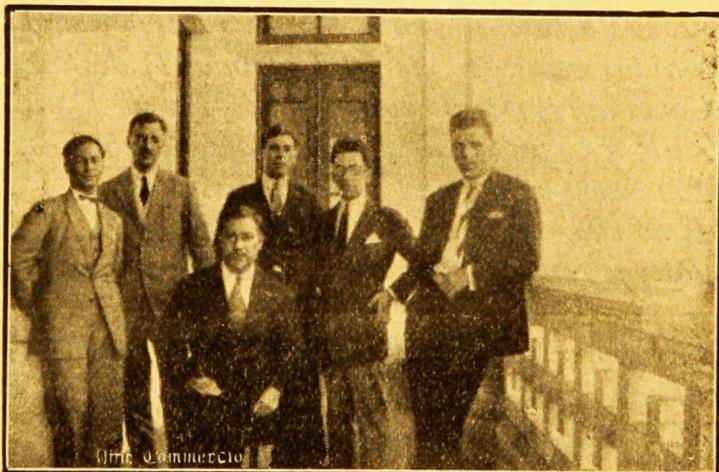
Estatística do Comercio e Navegação

(Incluindo o seu Relatório)

Recebemos um extenso volume, impresso em magnifico papel, que nos foi enviado da colonia de Moçambique, e que contem uma curiosa estatistica do comercio e navegação daquela nossa colonia, relativamente ao ano de 1927.

E' um documento digno de ler-se.

Nota-se o grande e variado movimento do comercio e industria, na nossa grande colonia.



Um grupo de nossos compatriotas, briosos e inteligentes, minhotos e trasmontanos, residentes em Moçambique, colaboradores da « Estatística do Comercio e Navegação », daquela Colonia.

Pelo relatório e documentação que temos presente, nota-se que a nossa colonia de Moçambique tende a uma desenvolvida actividade que, num futuro proximo se notabilizará, com honra para a Metropole. Mas, tambem é preciso que esta saiba corresponder a essa actividade.

Temos o futuro nas nossas colonias. Tudo está em saber aproveitar as suas energias, as suas actividades, e sobretudo, as suas riquezas.

Agradecemos a oferta do livro que tão gentilmente nos foi endereçado.



*Em pobre e humilde cela, humilde eleva o monge
A sua voz maguada e trémula e convulsa,
Mensageira fiel dum coração que pulsa
Impregnado de dor, vibrante de emoção;
Seu tempo de esplendor sorri-lhe muito ao longe.
Na samarra hoje envolto, a privações votado,
Fremente a Deus envia o pensamento alado,
Emquanto o corpo açouta e roja pelo chão.*

*E' Nuno Alvares P'reira, o forte, o victorioso,
Agora convertido em mystico donato.
E' esse bravo heroe, altivo, intemerato,
Que fazia tremer as hostes de Castela,
Buscando a solidão, do mundo receoso,
Buscando a doce paz nos braços de Jesus.
E, quando a adversidade um golpe lhe produz,
Para o Crucificado a sua angustia apela.*

*Eil-o de olhar afflicto, erguendo as mãos piedosas
Donde o rosario pende — esse rosario amado,
Tantas vezes por ele (oh! quantas!) desfiado.
Como um preito de amor que á Mãe de Deus of'rece.
Ante a Cruz ajoelhado, ardentes, fervorosas,
Lhe saem as orações da boca sublimada.
E do chagado Cristo a cabeça inclinada
Parece estar atenta, ouvindo a sua prece.*

*« Senhor, Senhor, exclama, o homem vil, perverso,
« E da devassidão no lodaçal imerso,
« Como acerar não teme e não receia alçar
« E de novo cravar a lança em vosso peito?
« Como prefere ingrato as infernais algemas,
« Como prefere o odio, o crime, eternas penas,
« A' doce placidez do pensamento são,
« A' doce obrigação de a vós viver sujeito?*

*« Tambem vos ofendi, meu Deus, tambem, confesso,
« Ferido, a alma entregando á dor em grande excesso,
« Quando a minha Beatriz da terra se apartava
« E feliz encetava a celica ascensão.
« Negar-vol-a queria, ó Deus, mas perdoai.
« Tanto sangrava — e sangra — um coração de pai!
« Abri o vosso reino a aqueles por quem choro.
« E para mim, imploro a santa abnegação.*



*« Entregue toda a Vós,
« Que na ancia, na afflicção,
« O vosso coração, de amor
« Conforto a minha mag
« E se vos aprouver tom
« Do sangue a ultima g
« Emfim todo o meu ser,
« De Vós o recebi, cu vo*

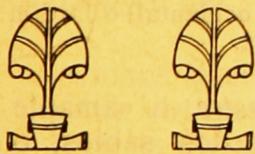
*Cala-se e é neste ponto
Finda a sua oração, lha
Que a confirmar a paz
Cortez embaixador cheg
Levanta-se Frei Nuno
Eleva o olhar ao Céu,
Depois, dando ao estran
Curva-se e fal-o entr*





a alma só deseja
na desventura, seja
dente fragoa,
livio á minha dor.
e em holocausto,
vida, o corpo exausto,
deponho aqui.
ou, Senhor».

se arrancado.
ia alguém,
tal-o vem
Castela.
eto, importunado,
se um momento;
um franco acolhimento,
a propria cela.



Tão modesto viver surpreende o visitante.
Mal pode acreditar, causando-lhe estranheza,
Que por firme vontade expire em tal pobreza
Quem de terras foi rico e de honras e laureis.
Que aniquilar-se queira esse astro scintilante
Que tão alto pairou, por todos admirado,
E após breve colloquio, olhando-o impressionado,
— «Essa mortalha, diz jamais a despireis?

Uma transformação no monge então se opera.
Perpassa-lhe na mente uma aurora inflamada,
Explode-lhe no peito, activa, uma cratera,
No olhar se lhe reflecte a lava incandescente.
Relembra Aljubarrota, onde ele correria
Inda que abandonado, á dura empreza e ousada,
Contrariando o Rei, que o feito lhe proibia,
E tendo a entusiasmal-o a sua fé somente.

De Valverde recorda a penosa investida
Contra a lança inimiga, a pedra e o ferro irado
Que sibilante voa a ameaçar a vida:
E donde triunfou sua hoste triunfante,
Como outr'ora David, o celebre pastor,
Vencendo do gigante o forte braço armado,
E assim transfigurado, audaz, com todo o ardor,
Responde-lhe solene, em voz altisonante:

«Só me fará despir a veste que adoptei
«E que, mercê de Deus, me serve de mortalha,
«Se o tratado esquecer um dia o vosso Rei,
«Acendendo de novo a guerra em Portugal.
«Em caso tal, vereis o antigo combatente
«Que intrepido, volvendo ao campo de batalha,
«D'est'arte poderá servir conjunctamente
«A sua religião e o seu paiz natal».

E as mãos levando ao peito, afasta o escapulario.
Disposto a repelir de estranhos o dominio,
No castelhano infunde o pensamento vario
De respeito e temor, veneração e espanto,
Apontando-lhe o arnez pelo habito entreaberto,
Que mortalha não é mas um modesto escriptorio,
Donde resurgirá, qual tesouro encoberto,
O Heroe libertador, o Condestavel santo.

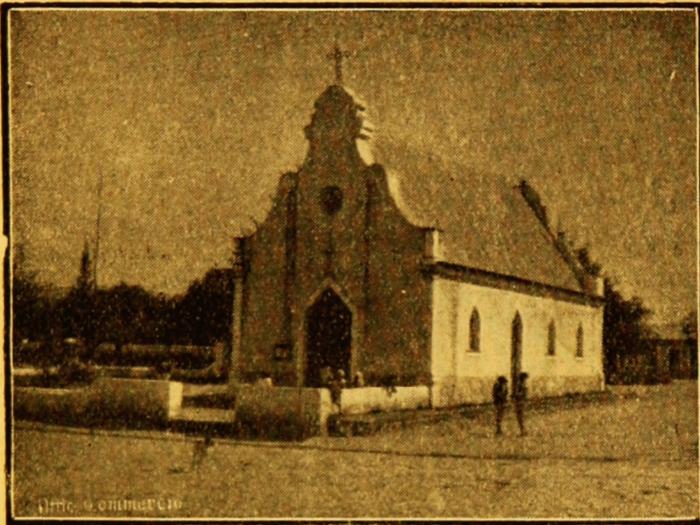
Elvira Neves Pereira.

BISPO DE BRAGANÇA

Saudação Pastoral proferida por Sua Exc.^a
Reverendíssima aos seus diocesanos,
por ocasião da entrada solene na dio-
cese, no dia 11 de Outubro.

CARISSIMOS diocesanos:—Ao subir a êste lugar eminente para vos dirigir pela primeira vez uma palavra de saüdação, dois são os sentimentos que principalmente solicitam e preocupam o meu coração de Pastor.

O alvoroçado júbilo com que acolhes-tes as primeiras notícias que davam por final-



A igreja de S. José da colônia da Cidade Sá da Bandeira, vista de frente, construída em 1900.

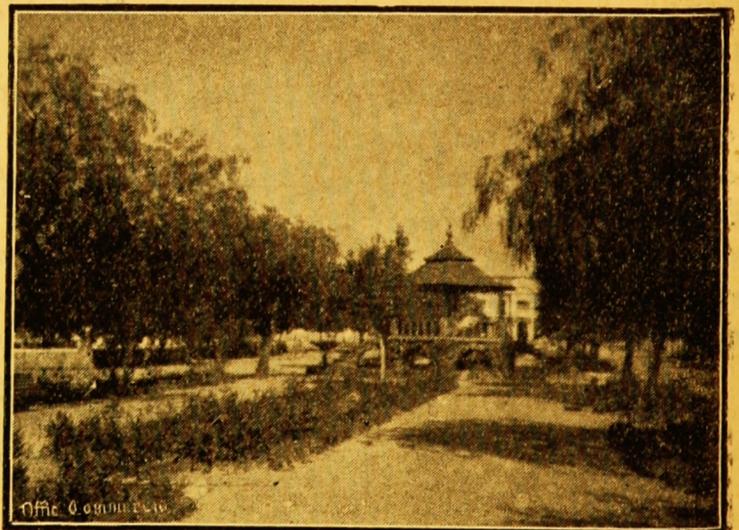
mente terminada a viüvez da vossa Igreja; as deferências com que desde logo cercastes o vosso Bispo, apênas eleito; a numerosa e distinta embaixada, que enviastes à Roma Portuguesa, afim de o saüdar, no dia da sua sagração; as alegres demonstrações com que o recebeis agora ao fazer a sua entrada nesta fidalga e hospitaleira cidade; estas galas festivas com que adornastes e revestistes a vossa elegante catedral:— tudo isto me está indicando quanto é grande e como é terna a vossa filial piedade para com aquele «que vos é enviado em nome do Senhor» e com que confiança êle pode e deve empunhar o pesado báculo pastoral no meio dum rebanho que assim se mostra disposto e inclinado a segui-lo dôcilmente no enalço de Aquele que a si mesmo se definiu «o Caminho, a Verdade e a Vida».

E não obstante, ao encarar tôda essa benevolente expectativa e todo êste franco entusiasmo, tão característico da gente tras-montana, sinto ainda assim que os meus passos vacilam incertos como os de quem vai tirando a custo um fardo incomportável.

Esta cruz que me pende do peito e chagou um dia os ombros do divino Redentor do mundo, êste símbolo que encerra em si a razão e o segrêdo de vinte séculos de civilização e de progresso, símbolo augusto que vinte séculos de história contemplam agradecidos, que, sendo «para uns escândalo e para outros estultícia», é, «para os que deveras amam a verdade, genuína virtude e sabedoria de Deus» — esta cruz há de o vosso Bispo honrá-la, a pesar-de extremamente pobre de recursos e de méritos, há de, por dever de officio dignificá-la, e para mais, numa diocese que conheceu tantos Prelados ilustres, por suas virtudes e letras, e cuja memória perdura ainda abençoada nos anais da Igreja mirandense e brigantina.

* * *

E, com efeito, quem poderia competir na caridade, no zêlo apostólico e na santidade da vida — com um *D. Toribio Lopes*, o «varão santo, douto, e exemplar»?; com um *D. Julião de Alva*, o «vir clarissimus»?;

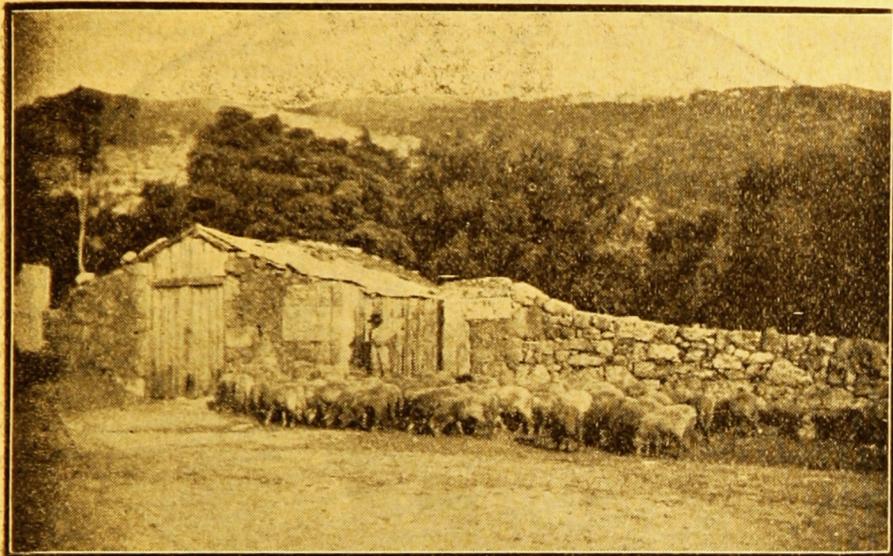


Na cidade Sá da Bandeira (Africa ocidental) o Jardim e coreto da musica.

com um *D. Frei José Lencastre*, o «amante da justiça, dos virtuosos e dos sábios, o prudente, pio e moderado»?; com um *D. Frei Lourenço de Castro*, o varão «afavel no trato, brando, atractivo, enérgico em re-preender os vícios, contínuo na assistência da Sé, que do côro passava para o confessorário e do altar para o púlpito»?; com

um *D. Frei João da Cruz*, «de tanta virtude e piedade que mereceu o epíteto de santo»?; com um *D. António Luís da Veiga Cabral e Câmara*, que tanto se avantajou por sua prodigiosa actividade e constância e pelo zêlo ardente com que exercitava o seu officio e fomentava a piedade, e cuja veneranda memória é justamente vingada por um dos vossos illustres escritores contemporâneos?...

Quem poderia ombrear na eloquência, na sciência, na erudição e na energia pastoral — com um *D. António Pinheiro*, o



GUARDA — Serra da Estrela — Um rebanho de Ovelhas
(Foto Amador Alexandre Botelho)

«Cícero Português», que «roubava suavemente a alma pelos ouvidos»?; com um *D. Manuel de Moura Manuel*,

«a quem o sangue do Bem-aventurado D. Fernando Rei de Castela comunicou as virtudes duma raça de eleições nunca desmentidas nas armas, nas letras, na jerarquia»?;

com um *D. Frei José Maria de Santa Ana Noronha*, caridoso, sábio, virtuoso, exímio orador sagrado?; com um *D. José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Martens*, o douto e erudito estilista e orador aprimorado?; com um *D. José Alves de Máziz*, que, na frase de um vosso poeta, é

«nobre Bispo que o sólio enaltece com virtudes de raro valor, nossas almas com bênçãos aquece qual se foram centelhas de amor»

e que a todos,

«sem fazer distinção igualmente lhes espargue sorrisos de pai»?...

E, sem falar de tantos outros Prelados eméritos da diocese bragançana, e que direi do meu imediato e saúdoso antecessor, o Senhor D. José Lopes Leite de Faria, cujo espírito adeja ainda bem-fazejo não só neste ambiente, perfumado pelas suas magnânimas virtudes, mas em tôda a diocese, em tôda a terra portuguesa, e cuja saúdade vive e viverá em vossos corações de filhos, que o chorastes com lágrimas sentidas porque lhe conhecestes e apreciastes as exímias qualidades, que o exornavam como sábio consumado, orador distinto, escritor fecundo, Pre-

lado disciplinador, pai carinhoso, amigo desvelado, Pastor zelosíssimo, vigilante e caritativo, que em seus ombros degigante levantou das ruínas, em que a tinha precipitado a injúria dos tempos, a melhor, a mais importante a mais bela e a mais necessária das instituições diocesanas — o seu e vosso Seminário? Que direi deste glorioso Prelado senão que se apropriou, literalmente, o elogio que o Divino Mestre traçara do Bom Pastor — «que dá a sua vida pelas suas ovelhas»? Sacrificando a própria vida por vós e no meio de vós, a exemplo do supremo Pastor das almas, deixou-nos assim o mais eloquente testemunho, que nos po-

dia legar, da requintada fineza e dos subidos quilates do amor paternal que sempre votara aos bragançanos, seus filhos muito dilectos em Jesus Cristo!

Formidável herança é esta que me faz vacilar o ânimo ao tomar o pêso do báculo brigantino e ao colocar na minha cabeça a mitra refulgente que cingiu a fronte aureolada de tao insignes Prelados!...

E todavia esta cruz, que trago sôbre o meu peito, junto ao meu coração de Sacerdote, de Pastor, de Prelado e de Pai, não alivia senão que me parece agravar ainda mais as altas responsabilidades que me impõem as páginas de oiro da história da Igreja brigantina.

E' que a cruz é, com efeito, escola de alta sabedoria e de apurada santidade, escola de abnegação, de amor das almas e de zêlo, apostólico, escola de requintada arte cristã, e escola do mais acrisolado patriotismo, — e anda aqui ao peito do vosso Bispo, para lhe recordar a todo o momento que tem de ser promotor, defensor e espelho vivo de tôdas estas remontadas virtudes, imolando-se nela, se tanto fôr mister, pela salvação dos seus queridos diocesanos.

* * *

Já Santo Agostinho observara que «a cruz é não somente o leito onde Jesus Cristo expirou, senão também a cadeira donde êle ensina aos homens a verdade».

E todos os heróis da santidade, estimando com S. Paulo que nada sabem senão a Jesus e a Jesus crucificado, são unânimes em repetir que a cruz e o crucifixo são verdadeiramente o seu livro, o livro em que se encerra, como em veia pura, tôda a ciência da vida espiritual.

Sansão, jovem do século V, que, por sua ciência, foi mais tarde elevado ao episcopado, na Bretanha, dizia ter aprendido mais aos pés do seu crucifixo do que em «todos os livros de filosofia».

Santo Tomás de Aquino, no século XIII, maravilhado pela profundidade e unção dos escritos de S. Boaventura, como o visitasse um dia em sua pobre cela, inquiriu dêle: — «onde é que vais beber uma doutrina tão pura e uma eloquência tão emocionante e persuasiva?; que livro é êsse e onde está?» — «O meu livro, ei-lo aí», retorquiu Boaventura, apontando para o crucifixo, que tinha diante de si, sôbre a mesa de trabalho.

S. Vicente Ferrer, ilustre dominicano, o Taumaturgo do Ocidente no século XIV, não se separava jãmais do seu crucifixo, que chamava a *sua grande biblia*, porque nele encontrava tôdas as verdades contidas na Sagrada Escritura.

Santo Tomás de Vilanova, por seu turno, que os seus contemporâneos do século XVI comparavam a S. Paulo pelo saber e a Elias pelo zêlo, e que o grande imperador Carlos V quis ter por conselheiro da sua vida, e onde é que hauria essa alta ciência sobrenatural, senão, como êle próprio declara, «menos nos livros que ao pé da cruz»?

Se a cruz é escola e incentivo de tão remontada sabedoria e de tamanha santidade, compreendo então porque é que o meu divino Mestre me anima a tomá-la «quotidianamente» sôbre os meus ombros: — «Se alguém quer vir após de mim, abnegue-se a si mesmo, e tome a sua cruz quotidianamente, e siga-me».

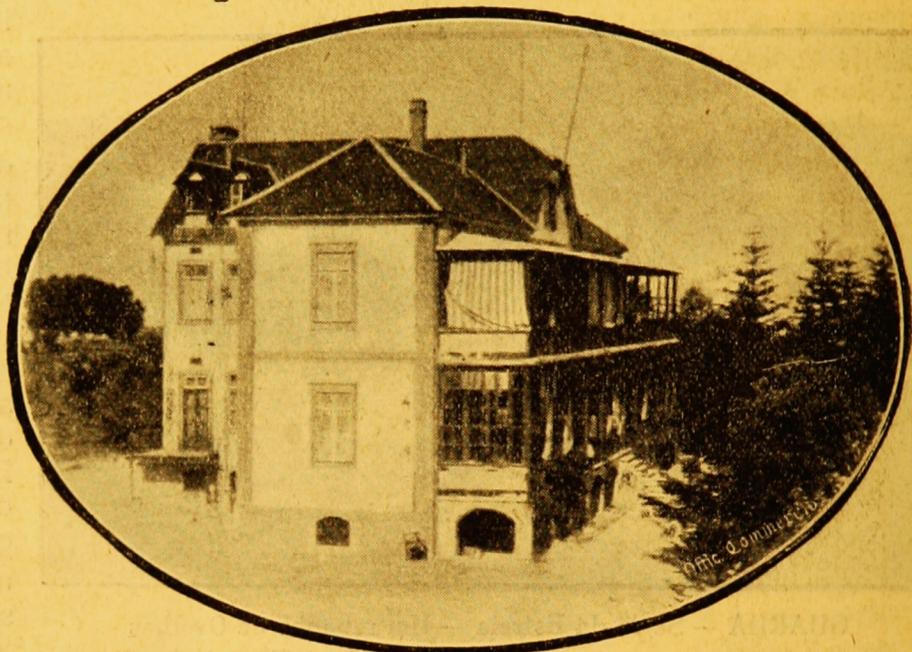
* * *

Como escola de abnegação e amor das

almas, não há certamente outra que se lhe compare.

Quantas vezes não tem ela levantado o ânimo, infundido coragem, excitado o zêlo inflamado o ardor dos santos missionarios, dos párcos e de quantos labutam no apostolado da salvação das almas?

S. Bernardo, S. Camilo de Lelis, Santo Inácio, S. Vicente de Paulo, S. Francisco de Sales, entre muitos outros, dão disso eloquente testemunho, porque a história narra que êles não foram animados nas incessantes lides do seu apostolado, nem fo-



GUARDA — Sanatorio — Pavilhão de 1.^a classe visto do lado do Sul
(Foto Amador Alexandre Botelho)

ram confortados nos momentâneos desalentos da sua natureza, cansada por tantos trabalhos e fadigas em prol da humanidade, senão pela cruz e pelo crucifixo.

Foi também com a cruz na mão que S. Domingos marchou à frente dos cruzados contra as tropas albigenses; foi com a cruz na mão que S. Vicente Ferrer percorreu a Espanha, a França, a Inglaterra e a Alemanha, aliviando misérias, enxugando lágrimas, quebrando as cadeias do pecado, conquistando almas para Deus; foi com a cruz na mão que, além-mar, S. Francisco Xavier empreendeu a conquista da Índia e do Japão; foi com a cruz na mão que êle em Travancor pôs em fuga um exército de bárbaros que atacavam as novas cristandades; e foi sobretudo com a cruz na mão que êle arrancou do domínio das trevas para o banquete da civilização legiões e legiões de almas captivas.

(Continúa)

UMA NOITE DE ARTE CATÓLICA NO

GRANDE COLÉGIO DA BOA-VISTA

NO PORTO

JÁ tivemos ocasião de afirmar, de declarar a elevada orientação católica do Grande Colegio da Boa Vista. Afirmamo-lo num dos ultimos numeros da «Ilustração Católica», em nota de redacção, para encerrar um artigo em que um aluno daquela importante casa de ensino se referia á festa solenissima da primeira comunhão.

Porem, lembramos essa pequenina anotação, cheia de verdade e sinceridade, para, mais amplamente, nos referirmos a uma noite em que, aquele grande colegio, que é

dos quais se salienta o espirito moderno e empreendedôr do prof. Manuel Pinto Soares, o sonhador e alma criadora dessa noite de arte católica, souberam, caprichosamente, solenizar o aniversario desse santo que passou pelo mundo numa permanente aureola de ternura e salvação.

E, especialmente, recordamos a prestigiosa colaboração que o ilustre homem de letras, dr. Severo Portela, dispensou a essa noite imorredoirá...

Este distinto escritor, antigo aluno do



Os mais selectos convidados à noite de Arte Católica, entre os directores do Grande Colégio da Boa-Vista, do Porto.

o mais distinto em frequencia e direcção entre todos os do Porto, — evidenciou as suas preocupações católicas.

Essa noite decorreu há um ano, há mais de um ano. Contudo, ainda não desapareceu da memória dos que assistiram a essa noite católica, a essa festa de intimidade cristã.

Foi uma noite em que a Arte exaltou uma das mais iluminadas figuras do catolicismo. Referimo-nos a S. Francisco de Assis, o Povorello. Os directores do Grande Colegio da Boa-Vista, quasi todos figuras insignes na pedagogia portuguesa, e á frente

Grande Colegio da Boa-Vista, e que é, actualmente, considerado, com justiça, um dos nossos primeiros estilistas, abordou amplamente, numa eruditissima conferencia a vida de santidade de S. Francisco de Assis.

Esta erudita palestra, que o seu autor manteve num crescente interesse ante uma assistencia de artistas, foi o verdadeiro e imponente assunto da noite. O dr. Severo Portela marcou com ela um dos seus maiores triunfos. Mas um triunfo em varios aspectos: no fino desenvolvimento do tema; na pura e catedratica dicção, e, especialmente,

no fulgor católico com que aureolou as suas palavras.

E' verdade: Esta noite não terminou, não passou da nossa memória para a imensa concha do esquecimento. Recordamo-la como se tivesse passado hontem.

Um dos seus maiores encantos, um encanto instrutivo, dominadôr, foi durante a douta conferencia do escritor Severo Portela, a frequente projecção de scenas luminosas dos lugares mais queridos, mais adorados do Povorello. Estas scenas aproximavam a numerosa assistencia dos caminhos santificados por S. Francisco de Assis. Todos os olhos, que, nessa noite olharam para esses lugares rezaram e adoraram de perto um dos maiores redentores do mundo.

E, tambem, alguns distintos professores de musica espalharam, a meio dessa festa inesquecivel, alguns primorosos trechos de musica. Foi uma festa em que, em antes de tudo, se pensou em educar com clareza e com limpidez de sentimentos. Assim foi, precisamente, porque a competetissima direcção do Grande Collegio da Boa-Vista realizou essa festa para os seus alunos. Para iluminar a intelligencia do mundo dos seus alunos.

Terminou esta noite de arte catolica como costumam terminar as noites de festa que o Grande Collegio da Boa-Vista realiza. Fechou com uma ceia intima, em que só se viam professores, jornalistas e escritores de nome consagrado, e durante a qual se fizeram as mais elevadas afirmações de adoração cristão. E, á hora em que os convidados começaram a receber os agasalhos, á hora em que as mãos dos visitantes se uniram para a despedida, começaram a cair no ar os maiores e justissimos louvores á religiosa orientação do Grande Collegio da Boa-Vista, e, muito em especial, ao seu director, sr. Manuel Pinto Soares, um dos mais eruditos professores do moderno ensino no nosso paiz.

G.



VICTOR HUGO E OS FRADES

Um autor celebre disse :

«Reunem-se alguns homens e vivem em comum, em virtude de que direito? Em virtude de associação. Encerram-se em sua casa e com que direito? Em virtude do direito que tem todo o homem de abrir ou de fechar a sua porta. Não saem, e com que direito?»

Em virtude do direito que cada um tem de sair ou não sair e que lhe dá o direito de ficar em casa quando lhe parecer.

«E ali em suas casas o que fazem? Falam em voz baixa, abaixam os olhos e trabalham. Renunciam ao mundo, as cidades, ás sensualidades, ás vaidades, aos orgulhos, aos interesses. Vestem-se de grossa lâ ou doutra qualquer fazenda ordinaria. Nenhum deles possui como seu seja o que for. Entrando ali o que era rico, faz-se pobre. O que tem dá-o a todos.

«O que era, o que se chama nobre, fidalgo ou senhor, é igual áquele que era camponez. A cela é a mesma para todos. Todos passam pela mesma tonsura, usam do mesmo habito, comem do mesmo pão negro, dormem na mesma palha, morrem sobre a mesma cinza. Teem o mesmo sacco as costas, a mesma corda a cintura.

«Se resolvem ir com os pés descalços, todos vão descalços. Se entre eles se encontra algum principe, este principe é o mesmo que os outros, aqui não ha titulos. Até os apelidos de familia estão riscados. Eles não tem senão os sobre nomes. Todos se conformam com os nomes que receberam no baptismo. Dissolveram a familia carnal e constituíram na sua comunidade a familia espiritual.

Eles não tem outros parentes senão todos os homens. Socorrem os pobres, tratam dos doentes. Elegem aqueles a quem obedecem. Chamam uns aos outros: «Meu irmão.»

«As pessoas *de pouca reflexão*, os *estouvados*, dizem: De que servem estas figuras imoveis do lado do mysterio? De que servem? o que fazem? — Não ha talvez obra mais sublime do que a que fazem estas almas. Talvez que não haja trabalho mais util. Fazem muito bem aqueles que oram sempre por aqueles que nunca rezam.»

Quem é que fala assim?

Vitor Hugo.

De quem fala ele?

Dos frades, dos monges.

Um monge é um cristão que foge do mundo, para trabalhar com mais segurança na sua salvação eterna. É um homem que se retira dos outros homens, não por odio, ou porque os despreze, mas por amor de Deus e proximo, e para melhor os servir conforme melhor tiver regulado e disposto a sua alma.

Esta idea de retiro, de solidão, e mesmo a raiz da palavra *monge*, que vem duma palavra grega que significa *solitario*. Mas como muitos cristãos tem em todos os tempos obedecido ao mesmo impulso, estes solitarios tem-se encontrado; deste modo tem reconstituído a vida comum a que pareciam fugir, e esta vida, fundada sobre uma comunidade absoluta no pensamento e na acção, faz a base e a força do estado monastico, diz o conde de Montalembert.

Mas não basta só ao monge o separar-se do mundo, é preciso tambem que ele se abstenha do que é licito no mundo. O monge é pois essencialmente um homem que se priva do que poderia gosar sem o mais leve escrupulo. Toma do Evangelho não só o preceito, mas tambem o conselho. Para evitar o que é prohibido, renuncia ao que é permitido; para conseguir o bem, aspira á perfeição; para estar mais certo da sua salvação, que fazer mais do que é preciso para se salvar. Submete-se a um genero de castidade, de submissão e de pobreza, que não se exige a todos os cristãos. Renuncia por um esforço generoso do seu livre arbitrio aos vinculos do matrimonio e da familia, á propriedade individual e á vontade pessoal, e põe este triplice sacrificio sob a protecção duma promessa irrevogavel, dum voto. Tendo assim triunfado do seu corpo pela continencia, da sua alma pela obediencia, e do mundo pela pobreza voluntaria, vem, tres vezes vencedor, entregar-se a Deus e tomar logar na flôr deste exercito que se chama Igreja.

Mas é ao Evangelho que pertence fecundar e perpetuar estes exemplos. As palavras do Redentor, Filho de Deus, eram formaes. Ele tinha dito

aquele mancebo a quem tinha amado, tendo-o visto só uma vez e que lhe perguntava qual era o caminho para a vida eterna: «Uma só cousa te falta para seres perfeito: vende tudo o que possues e dá-o aos pobres, terás um tesouro no ceu; depois vem e segue-me.» E ainda mais: «Todo aquele que abandonar por mim, e pelo meu Evangelho, a sua casa, os seus irmãos, suas irmãs, o seu pai, a sua mãe, os seus filhos, e os seus bens será recompensado com o centuplo; desde logo achará cem vezes tantas casas, irmãos, irmãs, filhos, bens, com *perseguições*, e depois possuirá a vida eterna.» Desde que esta palavra divina se espalhou pelo universo, tem-se visto homens, que, longe de se descorçoarem pela força desta linguagem, ou contristados como aquele que primeiro a ouviu, tem pelo contrario achado nela uma suavidade e um atrativo, que excede todas as seducções deste mundo, e que, correndo apressurados no estreito caminho, se teem encarregado de demonstrar que nada ha nos conselhos da perfeição evangelica impraticavel á fraqueza humana.

CHARLATÃO DESMASCARADO

Certo imperador da China tinha muita inclinação para as sciencias occultas. Um charlatão lhe apresentou um elixir, aconselhando-lhe que o bebesse, e prometendo-lhe que esta bebida o faria imortal.

Um dos seus ministros que se achava presente, depois de haver tentado inultamente dissuadi-lo de tal, pegou na taça e bebeu o licor. O imperador todo irritado o condenou à morte; porém o ministro lhe disse com toda a placidez:

— Se a bebida dá a immortalidade, baldados serão vossos esforços para me fazeres morrer; se não a dá, deveis punir-me porque vos fiz ver a verdade.

ANECDOTAS HISTORICAS

As questões de dinheiro começam por ser delicadas e acabam, algumas vezes, por ser indelicadas.

V. Cherbuliez.

*

A unica vantagem da calvice é que desse modo estamos certos de que ninguem insultará os nossos cabelos brancos.

Jacques Normand.

*

Quanto menos pensamos na nossa própria individualidade, tanto menos desventurosos nos julgamos.

Condessa Diana.

*

Os principios da moral são axiomas imutaveis como os da geometria.

V. Cousin.

*

Entre uma confidencia e a indiscreção só há a distancia que vai do ouvido à boca.

Petit-Senn.

*

A primeira e a mais importante qualidade de uma mulher é a bondade.

J. J. Rousseau.

*

Aquele que governa os homens deve, antes de tudo, saber perdoar.

Lacordaire.

*

O espirito é como o sal; dele devemos usar com moderação.

Pythagoras.

*

O mais rico dos homens é o económico; o mais pobre é o avarento.

Chamfort.

*

Em Paris, póde-se dizer de um sentimento o que se diz de um vestuario: não está na moda.

Mme Gaubert.

*

Raramente nos arrependemos de ter falado pouco; muitas vezes nos arrependemos de haver falado de mais.

La Bruyère.

Saber esperar é um dos grandes segredos do exito.

J. de Maistre.

*

As leis inuteis enfraquecem as leis necessárias.

Montesquieu.

*

Semei a liberdade a mãos cheias por toda a parte em que implantei o meu Código Civil.

Napoleão I.º.

*

Julga-se sempre que o primeiro amor é o ultimo e que o ultimo é o primeiro.

M. Donnay.

*

A virtude é uma conquista da vontade contra a natureza.

Kant.

*

Quem quizer ser feliz, deve amar o seu dever e procurar n'isso uma satisfação.

Motteville.

▣ Livros recebidos ▣

HORA SANTA

Recebemos este precioso livro, de que é auctor o P.^c Matéo, traduzido para portuguez pelo rev. P.^c Alexandre dos Santos, da benemerita Ordem Franciscana. E' edição do «Boletim Mensal».

Esta obra contem, para as pessoas cristãs e piedosas, doze exercícos para a Vigilia da primeira sexta-feira, e mais sete para diversas circumstancias.

E' um livro notavel, e que a todas as pessoas piedosas interessa.

Contem 552 páginas e é magnificamente impresso, com uma excelente encadernação.

Agradecemos a amabilidade da oferta dum exemplar.